



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS**  
**SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023**

**AS NARRATIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA**  
**LAGOA GRANDE E AS CONTRIBUIÇÕES PARA OS**  
**LETRAMENTOS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM**  
**PRÁTICAS ESCOLARES DE LEITURA E ESCRITA.**

**Evair Texeira e Silva <sup>1</sup>; Renailda Ferreira Cazumbá <sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Evair Teixeira e Silva, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[evairts12@gmail.com](mailto:evairts12@gmail.com)

2. Orientador, Renailda Ferreira Cazumbá, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[rffcazumba@gmail.com](mailto:rffcazumba@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramentos; Oralidade; Educação; Quilombola; Lagoa Grande

## **INTRODUÇÃO**

A Comunidade Quilombola da Lagoa Grande, localizada no município de Feira de Santana, Bahia, recebeu esse nome devido à sua proximidade com uma lagoa, que por muito tempo serviu de mantenedora aos moradores do entorno. A origem desse território se deu, em primeira instância, "em meados de 1900 a 1911, quando três irmãos (Luís Pereira dos Santos, Feliciano Pereira dos Santos e João Pereira dos Santos) desbravaram o lugar" (MENDONÇA, 2014, p. 91). Além disso, possui uma associação de moradores, a Associação Comunitária de Maria Quitéria (ACOMA), que contribui para a atuação política e social dos quilombolas. Importante destacar que a escola desse território, antes chamada Vasco da Gama, tornou-se legalmente a Escola Quilombola Luís Pereira dos Santos. Nesse contexto, o projeto de pesquisa "As narrativas da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande e contribuições para os letramentos e as relações étnico-raciais em práticas escolares de leitura e escrita" teve como objetivo principal acessar os saberes e a ancestralidade afrobrasileiros reelaborados e ressignificados nas histórias da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande em Feira de Santana, Bahia, visando impactar no fortalecimento do senso de pertencimento dos estudantes da comunidade. O mapeamento e coleta das narrativas da Comunidade Quilombola Lagoa Grande focaram nos usos sociais e nas práticas de linguagem da comunidade, que estão situadas à margem dos centros grafocêntricos de produção cultural. Nesse caso, a escola teórica dos Novos Estudos de Letramento desempenhou

um papel fundamental na proposição e definição de conceitos de letramento (STREET, 2014; HEATH, 1982; 2011) utilizados no Brasil por pesquisadoras como Magda Soares (2002; 2018) e Ângela Kleiman (1995; 2004) sobre as práticas e eventos de letramento. Essas abordagens, por vezes baseadas na etnografia, evidenciam o aspecto social dos letramentos e as formas de inclusão/exclusão das práticas e usos da escrita. Diante disso, o foco da pesquisa foi nos letramentos que emergem das narrativas orais da Comunidade Quilombola de Lagoa Grande, considerando também o conceito de letramentos múltiplos com base em Roxane Rojo (2009) e os letramentos de reexistência de Ana Lúcia Souza (2011; 2018). Nas análises, o conceito de "letramentos de reexistência" da pesquisadora Ana Lúcia Souza (2011; 2018) foi especialmente relevante. Ela apresentou o termo "reexistência" para estudar os letramentos no movimento hip-hop, direcionando-o como "uma categoria a ser aplicada nos estudos de letramentos" (SOUZA, 2011, p. 12).

#### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

A pesquisa adotou uma metodologia qualitativa, com abordagem etnográfica e bibliográfica, mapeando as narrativas da Comunidade quilombola de Lagoa Grande. O embasamento teórico foi na vertente sociocultural dos Estudos de Letramento, com ênfase na dimensão social e cultural da escrita e leitura, incorporando estudos sobre oralidade, memória e tradição narrativa. A abordagem (auto)biográfica valorizou a subjetividade dos sujeitos.

#### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

As entrevistas foram realizadas com quatro pessoas que fazem parte da comunidade da Lagoa Grande: uma coordenadora pedagógica da escola quilombola Luiz Pereira dos Santos, um estudante quilombola que mora na comunidade e trabalha na escola, um dos líderes da comunidade quilombola e a líder da associação. Somente a professora não mora na comunidade. Durante a entrevista, foi perceptível a empolgação da professora em relação à comunidade, vinda de Salvador, mas da família vinda de Feira. Ela narrou histórias de vida, mas não lembrava de histórias de ficção, o que parece estranho, visto que contos e cantigas geralmente fazem parte do cotidiano escolar e familiar. A história de vida dela é fortemente marcada pelos letramentos escolares e pelos letramentos

sociais de resistência, como discorre Ana Lúcia Silva Souza em “Letramentos de Resistência poesia, grafite, música, dança: Hip Hop” (2011). Nildinha, como ela gosta de ser chamada, teve, segundo ela, sua vida transformada pelo rap, que a livrou de tirar uma nota ruim em uma prova de geografia e a levou diretamente para a universidade através da música. Nesse caso, o letramento através do rap a ajudou e a serviu no que tange aos letramentos escolares e sociais. De certa forma, Nildinha Odara não conta suas histórias de ouvidas na infância, mas ficcionaliza a sua vida, não no sentido pejorativo da invenção da inverdade, mas no sentido de criar uma personagem, talvez para se tornar resistente. Talvez essa inspiração e aceitação tenham vindo do contato com o rap. Josenilda, uma menina negra moradora do Pelourinho, é expulsa pela renovação turística do bairro e vai para outro bairro de Salvador. Depois que sai da igreja, se encontra no candomblé e já tinha o nome mudado para Nildinha Odara, da mulher da personagem que construiu. Samuel, estudante de letras, também só relata histórias de vida e sua descoberta enquanto quilombola pela vacinação durante a pandemia. Ele e Nildinha têm algo em comum: não dizem saber de histórias da cultura popular na infância e alegam a influência das religiões evangélicas que demonizavam as religiões afro-brasileiras. Ele é ex-evangélico, mas relata questões de racismo religioso produzidas pela igreja, sendo castradora em um aspecto cultural desenvolvido pela igreja. Seu Cassiano, sindicalista, não chega a relatar histórias ligadas às relações de ficção, mas sim questões ligadas à dificuldade de vida na infância e à sua formação sindical. A assistente social, conhecida como Nina, é a única que relata histórias ligadas à cultura popular, mas histórias de terror, como a de lobisomem, lagartixas e principalmente zumbis, contadas pelo griot "Papai Felipe". A história do lobisomem que Nina afirma ter visto sempre se tratava de algo jamais visto diretamente, mas que atacava os porcos e os cortava pela garganta, o que confere com a narrativa do lobisomem que ataca na zona rural e na cidade em filmes hollywoodianos e histórias parecidas com fábulas. Por exemplo, a história da lagartixa que espreitava se uma mulher estaria grávida de um filho homem, pois normalmente o filho homem as matava e abria, para se proteger, a lagartixa desejava que o bebê morresse de mau em sete dias. O que é bastante peculiar nas narrativas recolhidas da informante é uma narrativa ligada aos zumbis que não é geralmente comumente narrada. A origem do zumbi tem uma relação com a ideia de pessoas que são controladas sem consciência por outras através de magia, muito associado aos ritos do vodu haitiano nas narrativas do audiovisual. Atualmente, os zumbis são associados a seres sanguinários sem consciência em estado

de putrefação nas inúmeras narrativas do cinema americano e coreano. Em todas essas narrativas, o zumbi não tem controle próprio e é possível vê-lo. No entanto, na narrativa da informante, o zumbi não aparenta ter uma presença física, se assemelhando a um fantasma. Por exemplo, na história de um grupo de pessoas que foram atrás de um samba que tocava até uma casa e, ao chegar lá, não havia ninguém. Nessa história, não há nenhuma menção das narrativas televisivas, mas sim características regionais, como um samba. Talvez a única ligação possível com as narrativas seria a condução de pessoas de um lugar ao outro, mas sem perder a consciência, o que é a base das narrativas convencionais de zumbis. Outra história de zumbi é o fato de que pessoas avistam uma porca com os filhotes, e pessoas vão atrás delas e não conseguem alcançá-las.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Pode-se concluir que as narrativas encontradas foram narrativas de vida e histórias pessoais. No entanto, narrativas de ficção foram relatadas por apenas uma das informantes. É possível perceber que, nas narrativas dos participantes, a igreja evangélica foi um impedimento de acesso à cultura tradicional da região, muitas vezes folclorizada e demonizada pelas igrejas. A pesquisa viabilizou o intercâmbio de saberes com a Escola localizada na Comunidade Quilombola da Lagoa Grande, e serviu, através da cota de narrativas, possibilitar a compreensão dos participantes de sua historicidade no que se refere à transmissão das histórias das pessoas negras em escolas da Educação Básica.

### **REFERÊNCIAS**

- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, 1994.
- BRIAN, Street. *Letramentos sociais; abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 66. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ED). *História geral da África I- Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO/MEC/UFSCAR, 2010. p. 139-166.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema de três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SOUZA, Ana Lucia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip Hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social* São Paulo: Parábola Editorial, 2011.